CÁRLISSON BARDO

AS SEMENTES DO MUNDO INFERIOR PARTE II

Episódios 08 a 14

https://link.cordeis.com/sementes

Este e-book apresenta os episódios 8 a 14 da novela de aventura **As Sementes do Mundo Inferior - Parte II**. A primeira parte pode ser lida no Wattpad.

Índice

#08 - Magna Estadia....3
#09 - Viagem pelos Túneis....8
#10 - Na Entrada da Cidade....13
#11 - Visita a Zadar....18
#12 - A Casa de Hóspede....23
#13 - Nova Visita....28
#14 - O Cofre Mágico....33

As Sementes do Mundo Inferior – Parte Ii é uma novela de aventura de Cárlisson Bardo, publicada como folhetim, em episódios semanais. Informações sobre como acompanhar e como ajudar estão na última página deste PDF. Ilustração da capa foi feita por Cárlisson Bardo a partir de imagem gerada por Inteligência Artificial e liberada sob licença Creative Commons 0.

#08 - Magna Estadia

"No fim das contas, nós somos daquele lugar onde nos sentimos pertencentes. Há quem nasça e crie raízes quase indestrutíveis, mesmo afastados ainda sentem saudades do lugar e de tudo que há nele. Familiares, amigos, os tipos de árvores e animais, os rios e lagos. Quando se sente assim em relação a um lugar, pode-se dizer que a pessoa é desse lugar. Há quem desperte esses sentimentos em relação a muitos cantos diferentes. Essas pessoas seriam <do mundo>. Há os deslocados também, que sentem não fazer parte de nenhum lugar que conheçam. Há muitos lugares no mundo, com geografias, povos, costumes e línguas diferentes. Eu acho que deslocados só não encontraram ainda seu lugar. Considerando as coisas dessa forma, acredito que eu seja mesmo de Migluik, mas dizer que sou de Verdeluz continua me parecendo uma boa ideia."

Após aquela despedida no estilo de Xenon, todos foram para a taverna se hospedar e beber um pouco. Um lugar chamado Magna Estadia. Estranhamente, o barman era humano. Ele serve o grupo na mesa grande, ocupada também por Rosa e Toró. Sharon conversa com eles.

- Que mundo pequeno, hein Toró? Cá estamos nós de novo, em outra taverna.

- É verdade. Inclusive, com a baixa que

tivemos na tripulação, estamos precisando de mais gente. Você seria muito bem-vinda na Estrela Nargol!

– Obrigada, mas não.

– O grupo deles é grande! Você faria bem mais diferença no meu grupo, não acha?

– A Sharon é parte indispensável da equipe. – All Thorn, que estava escutando, resolve opinar. – Nós fomos até o Porto do Rei Pirata só para resgatá-la, se você não sabia. Mas, no fim, a decisão de onde vai ficar é só dela.

– Viu só? Está liberada! É só aceitar o convite.

– Não, eu não vou. – Sharon responde, seca e firme.

– Tudo bem então.

– E vocês vão para onde agora?

– Para onde mais? Voltar ao Porto do Rei Pirata! Agora que mudou de comando, muitas pessoas devem estar curiosas e ansiosas por negócios! A gente dorme uma noite ou duas e parte com quem tiver interesse em viajar para lá.

– Parece interessante. – Ild fala, já próximo. – Você acha que os negócios na ilha vão crescer?

– Como assim?

– Eu explico. O comércio lá parece muito primitivo. Um lugar que extrai metais importantes, por exemplo, e parece que não tem nenhum ferreiro perto!

– Desculpem, não pude deixar de ouvir. – O barman, que trazia uma jarra de cerveja, fala para Ild. – Então vocês confirmam os rumores de que a rainha Grugbar foi mesmo derrotada?

– Sim, por nós.

– Ora, que interessante! Deixa eu falar isso na junta amanhã...

– Junta?

– O governo de Xenon é feito por uma junta comercial, que se reúne uma vez por mês. – Toró explica.

– Entendi.

– A propósito. – O barman fala, antes de se afastar para atender outros clientes. – O Rei Pirata talvez não tenha mesmo, mas aqui em Xenon nós temos um dos melhores ferreiros que se pode encontrar. Hekfrut, é um anão!

– Oi, eu ouvi falarem de anão? – Wolfgar se vira, bebendo mais uma caneca.

– Sim, estava falando do nosso ferreiro, Hekfrut.

– Ha! Que nome! Nunca ouvi esse nome, deve ser um figura! Tem certeza de que é anão mesmo? – Wolfgar se levanta para acompanhar o barman enquanto conversam sobre anões e ferreiros e anões ferreiros.

– A notícia já está se espalhando. – Rosa fala para Sharon. – Já escrevi um convite à visita do Rei Pirata e coloquei ali. – Ela aponta para um quadro com alguns papéis, na parede

próxima à entrada. – Lá nós teremos como comprar matéria pra revender aqui e conseguiremos ganhar também na viagem, se tudo correr bem.

– Que bom. – É só o que Sharon diz.

– Você é legal. Podia mesmo vir com a gente.

– Não, Rosa, não vou. Nosso grupo é praticamente uma família. Além do mais, temos uma missão importante a cumprir.

– Eu entendo... E você, pequeno? Por que não fica conosco? – Ela pergunta a Neriom.

– Eu!? Eu quero mesmo é ver o mundo fora. Além disso, vocês tem pequeno. Vocês precisam de forte. Forte como era Nargol.

– Isso é verdade.

– Nem olhe pra mim. – Haseid fala, com um gesto exagerado. – Eu fui pirata? Fui! Navegava no mar? Sim! E quê mais? Na areia! Seria uma coisa nova e interessante ser pirata do fogo? Talvez! Mas não, vou não. Valeu!

– E o anão? Será que ele não topa?

– Acho que não.

Falarem do anão faz com que Sharon o procure com os olhos. Eles o encontram perto do balcão, conversando animado com o barman e uma oganter bem vestida. Animado e bêbado.

– Com licença. – Sharon se levanta e vai para perto, tentando entender melhor o que está acontecendo. Algo lhe diz que tem alguma coisa errada por ali.

– ...grande negócio! Você não vai se arrepender, com certeza!

– Que negócio, Wolfgar? – Sharon lhe pergunta.

– Ah, você não vai acreditar! Estou fechando aqui um negócio excelente para nós, olha só! A senhora...

– Ivone...

– Isso! Ela vai ficar com a Corta Tormentas por cem moedas de platina! Mas isso inclui a garrafa também.

– Wolfgar! Quem lhe deu o direito de negociar os pertences do grupo?

– Ah, mas vai ser bom! Aquilo nem vai servir mais pra gente!

– Desculpe, senhora Ivone, não vamos vender nenhum barco hoje.

A mulher se afasta contrariada, enquanto Wolfgar, cambaleante,volta com Sharon para a mesa.

#09 - Viagem pelos Túneis

"Não basta vontade pra seguir o caminho da fé. E ao mesmo tempo basta vontade. É que não é um caminho fácil, mas quem recebe as bênçãos de Suno Brilhante nada tem a temer. Além do mais, a jornada cheia de pedras nos torna mais fortes ao final. Acompanhei Turidan por mais de um ano. Eu era seu escudeiro, mas um escudeiro aprendiz. Um paladino em formação. Foi acompanhando aquele elfo incrível que eu pude vivenciar o que é ser um campeão das forças do bem. Como ser alguém de vontade inabalável, de coragem imperturbável, sempre pronto a defender os que precisam de proteção e a castigar os que precisam de punição. Depois de ensinamentos e missões é que pude conhecer o líder maior da Ordem de Suno Brilhante: Dayan. Surpreendentemente, não era um elfo, mas sim um humano como eu. Ele completou minha ordenação."

O grupo despertou. Sem dia nem noite, já que não estavam mais no Porto do Rei Pirata, nem na superfície. Feita a refeição, chegou a hora de uma nova despedida, dos vivos dessa vez.

- Até outro dia, milady. - Haseid beija a mão de Rosa, que olha para o lado sem entender o motivo do gesto. - Até um outro momento.

– Até...

– É uma pena que nenhum de vocês tenha aceito o convite. – Toró fala, dirigindo-se a Sharon e All Thorn.

– Vocês vão encontrar alguém. – O paladino diz, apertando sua mão.

– Lá na taverna havia algumas pessoas interessantes, provavelmente dispostas a aventuras. – Sharon diz.

– Você podia chamar a Grilda! – Neriom fala, de repente. – Ela é bem forte também!

– E quem é essa?

– Uma lagarto que a gente conheceu.

– Interessante... No Rei Pirata?

– Foi.

– Vou procurar.

– Não vale a pena. – Sharon fala. – Ela não fala jorneikanto, nem se chama Grilda na verdade. Não recordo qual era seu nome real.

– Entendo. Bom, vamos indo então. Boa jornada!

– Boa viagem!

E assim Rosa e Toró foram, com cinco viajantes que arrumaram. Sharon, All Thorn, Neriom, Haseid, Ild, Wolfgar e Ezelius também precisavam partir para seguir com sua própria missão. Dessa vez, por terra.

A viagem seria por túneis. O grupo se afastou da cidade, indo ao norte e dali seguiria para oeste. O lugar era largo o suficiente para

eles passarem, mas pairava no ar uma ameaça constante de algo terrível emergir.

– Vocês se despediram? – Ild pergunta de repente.

– Claro! – All Thorn responde. – Tanto de Takeshi quanto de Toró, você viu, não viu?

– Eu falo é do lugar como um todo. A nossa missão é plantar essas bagas mágicas para isolar esse canto da superfície. Se a gente tiver sucesso, não veremos nunca mais o Mar de Fogo, o Rei Pirata, nem Xenon.

– Verdade. Não havia pensado nisso.

– Mas faz parte da nossa missão, né?

– Faz. Mas tem uma coisa que você precisa saber.

Ild olha preocupado para o paladino, esperando a continuação do assunto.

– Malleck não falou claramente em nenhum momento, mas o tempo todo em que conversamos ele deixou claro que não gosta do pai dele, que o pai dele é maligno e às vezes tenta manipulá-lo. Se não fosse a força que ele busca no deus dele, já estaria dominado pelo pai.

– Mas é claro! Aqueles traços de aparência dele!

– Só tem uma criatura que eu conheço que poderia ter um filho anão sem ser anão, ter esse poder de influência mental e afetar tanto a aparência do filho.

– Golvoczur.

– Ele mesmo.

– Então Malleck pode ser meu irmão?!

– É isso que eu precisava te dizer.

– E você me diz agora, que estamos tão longe do castelo e que talvez a gente nunca mais se veja?

– Me desculpe. Esqueci que o plano tinha essas consequências.

– Tá legal. – Ild diz, claramente contrariado.

A viagem prossegue por alguns dias. A verdade é que eles não faziam ideia de onde deveriam plantar as tais bagas. Isso não havia sido explicado. Só que, no momento certo, eles saberiam. Palavras bem aceitas por All Thorn, mas que incomodavam bastante os outros.

Havia bifurcações no caminho até o Lago Ardente. Nessas horas, o grupo podia contar com o conhecimento e experiência de Haseid para encontrar o caminho certo. Em certa ocasião de descanso, o mesmo Haseid foi até All Thorn para uma conversa particular.

– O que gostaria de me dizer ou saber?

– Velho, você é o mais experiente do grupo nessas coisas de deuses, do divino. Talvez Neriom também seja, mas acho que ainda não.

– Tudo bem, em que posso ser útil?

– Sabe como é... Eu não sei porque, e não quero assustar os outros, por isso nem falei nada, mas acho que irritei alguém do andar de cima.

– Por que acha isso?

– Não consigo mais conversar com os animais e menos ainda fazer eles me obedecerem.

– Isso é estranho. Você se lembra de algo que tenha feito?

– Não. Tipo o quê?

– Algo que tenha contrariado Besto, o deus dos animais. Zombou dele ou algo assim?

– Não que eu lembre.

– Machucou algum animal sem necessidade?

– Eita, a águia!

#10 - Na Entrada da Cidade

"E era realmente curioso o quanto tínhamos em comum. Nós duas vivíamos em um reino anão, com proximidade de anões, apesar de sermos elfas. Eu não me lembro da minha vida antes de Migluik. Por um tempo ainda pensei bastante se Zylceran não seria minha mãe ou, pelo menos, uma parente. Elfos naquelas terras são sempre raros. Nunca entrei nesse assunto. Nossa convivência levava por conversas mais práticas e contemplativas. De um jeito ou de outro, ainda não sei minha origem. Apesar de Zylceran poder realmente vir a ser minha mãe, duvido muito disso. Seria muita coincidência no final das contas. Hoje sinto que devia ter falado com ela a respeito. Sendo ou não sendo mãe de uma elfa esquecida, ela sempre pode ter ouvido alguma história, ou conhecer alguém que conhece alguém..."

Em certos momentos o grupo ladeava rios de magma, em outros percorria túneis vazios. Enfim, o caminho começa a enlarguecer e ampliar de uma forma que todos, exceto Neriom, já conheciam.

- Olha aí! - Wolfgar fala, animado. - Finalmente estamos chegando!

- Eu falei que a gente estava perto. - Haseid responde da frente.

- Não vejo a hora de ir na taverna. A viagem foi sossegada demais.

– Você tá doido?! – Haseid rebate, espantado. – Uma sequestrada, dois morreram, um voltou, mudou um rei de um lugar e você vem dizer que a viagem foi tranquila?!

– Não, Haseid, eu tou falando só de Xenon pra cá!

– Ah bom, aí foi mesmo. Olha lá o portal! – Ele aponta o fim do túnel, onde placas de ferro coladas fazem um arco com inscrições em língua goblin. Ali estava escrito "Lago Ardente. Se quer confusão, nem entre".

Na entrada, eles param um pouco para admirar aquela estranha cidade subterrânea. Rampas diversas e irregulares escavadas e construídas com pedras de formas aleatórias com casas-cavernas variadas também. Uma cidade vertical iluminada em tom vermelho por tochas e brasas.

– Vamos nessa. – All Thorn fala para o grupo. – Vamos para a taverna. Como é que chama mesmo?

– Bar Celebral. – Sharon responde.

– Isso! Que nome estranho, meu deus...

– Aqui é onde? – Neriom pergunta, em transe. – Nunca vi.

– É a cidade goblin de Lago Ardente, pequeno. – Sharon responde – Vamos andando. Precisamos descansar e descobrir onde a primeira baga precisa ser plantada. Só sei que é perto daqui.

– Como sabe?

– Fica a sul-sudeste dos Campos

Verdes. As outras três são ao sul, a sudeste e a este-sudeste.

– Não entendo nada, mas tá bom.

– Essa última já vai ser em Malinur, nem em Varmadum é mais.

– Tá...

A conversa é interrompida por uma pancada lá na frente.

– Ei! – Wolfgar reclama, esbarrando em Haseid. – Parou por quê? Tá maluco?

– Tem uma parede aqui. – O oganter responde.

– Que parede, que eu não tou vendo? – O anão vai até ele com a mão estendida até encontrar também alguma coisa. – É verdade. Tem uma parede aqui.

Sharon se adianta e tateia o obstáculo invisível. Olhando atentamente ao redor, vai para o lado como uma mímica brincando na praça.

– Por que a gente não volta? – Neriom pergunta.

– Temos que seguir por aqui. – Ild responde.

– É, mas podemos ter outro caminho.

– Hmmm... Boa ideia.

– Aqui tem outra parede! – Sharon grita. – Colada com essa. – E continua tateando o vazio.

Ild faz um sinal para Neriom e os dois voltam em direção ao portal. Já perto, eles esbarram no nada.

– Gente, má notícia! Estamos presos!

– É um cubo invisível.

– Aí sim! Quem diria? – Ezelius grita, zombando. – Caímos em uma armadilha!

– A gente pode tentar sair por cima. – Wolfgar grita e gira seu martelo, arremessando-o para o alto. O martelo sobe inclinado, bate em um teto invisível, ricocheteia na parede invisível à frente e vem deslizando de volta para os pés do anão.

– Agora é minha vez! – Ezelius anuncia, com um sorriso no rosto. – Aposto como ela desmancha com uma bola de fogo!

– Ei, faz isso não! – Haseid grita, enquanto Neriom olha para os dois com os olhos arregalados. – Espera eu sair primeiro!

Nesse ponto, Ild e Sharon já estavam juntos, abaixados e tentando entender a armadilha, esperando obter alguma pista no encontro da parede invisível com o chão da caverna.

– Claro. Assim que você sair, eu lanço a bola de fogo. Ei! Vem vindo alguém!

De fato, podia-se ver um objeto estranho se aproximando pendurado em uma rampa. Mal dava pra perceber um trilho discreto sob aquela rampa que vinha até onde eles estavam mas passava alguns metros acima das suas cabeças.

Conforme se aproximava, o objeto foi sendo melhor percebido. Parecia uma gaiola esférica e usava explosões para tomar impulso.

Tinha um canhão na frente e outro atrás, aparentemente os dois ajustáveis. Não trazia portas. Dentro, dois goblins se apoiavam nas grades enquanto o veículo vinha. Aqueles dois o grupo já conhecia.

– Olha só, Grog! A armadilha deu certo! – Um deles falava, descendo do transporte próximo do cubo – Pegamos uns morceguinhos, hahahaha!

Colocando um metal no trilho, o outro goblin freia aquela gaiola e salta também, pendurado por um cabo metálico com uma pequena âncora no fim.

– É bem perigoso ficar andando por aí distraído. – Ele fala, aproximando-se com as mãos na cintura. – O que acha, Riff? Devemos soltá-los ou a gente deixa eles aí uns dias pra testar melhor a armadilha?

– Ha ha ha! Não seria má ideia!

Apesar da ameaça, eles não demoram a libertar do cubo invisível aquele grupo de visitantes.

#11 - Visita a Zadar

"E vai saber quantos irmãos Ild tem. Brann é bastante próximo e já fez parte do nosso grupo por um tempo. Talvez Malleck também seja seu irmão, mas certamente não param por aí. É sabido que o plano de Golvoczur era dominar Galdentur com gente controlada por ele em posição de comando. Um laço de sangue. Um sujeito que criou filhos com o objetivo de torná-los peças de seus planos, para manipulá-los. Flandarir nos falou desses planos, que foram descobertos por ele e outros sábios. Eu fico pensando se o controle sobre os filhos não está evitável por interesse do próprio Golvoczur, se ele não pode forçar um controle total quando o momento chave de seu plano chegar. Seria algo terrível. Pelo menos Ild estaria a salvo desse controle graças à fonte do Coração Verde."

Não havia muita escolha para o grupo. O procedimento padrão deles era levar os novos visitantes para a presença do rei. Claro, se não fossem seres desprezíveis, passíveis de expulsão, morte ou prisão. Felizmente, falar com o rei era justamente o objetivo do grupo.

- Nem deixaram eu testar a bola de fogo lá de dentro. - Ezelius reclama.

- É, feiticeiro, seria uma coisa divertida de se ver! - O goblin chamado Grog responde de lá de cima. Ele acompanha o grupo de

dentro de seu transporte sob trilhos, impulsionado por pequenas e periódicas explosões. O outro goblin segue caminhando junto com os recém-chegados.

– Você não é nem doido de fazer isso. – Haseid responde e olha para o goblin que lhes acompanha. – Ainda bem que vocês chegaram. Ele é sim doido de fazer isso!

– Você está bem? – Sharon pergunta a Neriom, que anda como um sonâmbulo do lado deles.

– Tou. Que cidade grande!

– Não é? É aqui o Lago Ardente.

– Mas meus pais sempre disseram que esse povo é perigoso.

– Devem ser mesmo, mas nós também somos.

– É verdade. – Neriom sorri e relaxa mais.

– O chapeuzinho branco está com medo, hihihi! – O goblin se diverte, perto deles, ouvindo a conversa.

– Ele não é muito viajado, Riff. – Sharon responde. – Mudando de assunto, não tinha uma armadilha na entrada quando passamos aqui antes. Ou tinha e conseguimos passar sem ativar?

– Ha, ha! Nada! Essa armadilha é muito boa! Instalamos faz poucos dia. Não tem como passar por ela sem ativar. É por isso que ela é boa!

– Entendo.

O caminho levava por uma ladeira cada vez mais inclinada, em subida. Logo o espaço do lado deixa de existir e a ladeira entra na montanha. O grupo passa por casas feitas em cavernas, dos dois lados da rua. Algumas com sucatas na frente, postas como enfeite e, de alguma forma estranha, um sinal de status. Peitorais danificados, panelas grandes e quebradas e outros tipos de bugigangas.

Enfim eles chegam diante de um casarão que não tem nenhuma dessas tralhas, mas duas estátuas de pedra de goblins guerreiros e dois goblins de guarda na frente. Grog lança a âncora e desce de seu carro suspenso. Junto com Riff, vai à frente, conduzindo o grupo de aventureiros.

O portão se abre pra um salão iluminado, onde mais soldados esperam pelos cantos e, no centro, está o rei de Lago Ardente. Zadar, um goblin idoso, já de orelhas caídas, com um elmo dourado e leve na cabeça servindo de coroa, vestindo um manto azul e uma capa amarela escura, presa por um broche de prata. Ele não estava sozinho. Conversava animadamente com duas outras pessoas.

Um deles era um goblin forte, com pose imponente e com várias correntes enroladas em seu corpo. O outro já era, também, conhecido dos visitantes.

– Armech?! – Neriom diz, assustado.

Era o mesmo homem-pantera de antes, que agora conversava com o rei Zadar.

– Se acalmem. Nada de confusão aqui. – Sharon pede aos colegas.

– Olha quem está de volta! – O rei se vira para os recém-chegados. – E vejo que trazem bons ares. É sempre bom um grupo andar com um gnomo: dá sorte! Não um grupo de gnomos, nem dois, nem três, só um.

Neriom franze a testa. Os outros permanecem parados, sem se aproximar.

– Vocês estão tensos. Acho que já conhecem meu amigo Armech. Pela cara de vocês, o duelo de que ele me falou foi na sua presença. Ou estou errado?

– Foi sim e ele me deve um duelo também. – Wolfgar fala, em tom áspero.

– Acalmem-se. Nada de duelos aqui. Se quiserem duelar, vão para a arena. E nada de assassinatos por aqui também.

– Não vim aqui para causar problemas, vim a negócios! – Armech fala, com naturalidade.

– Imagino o tipo de negócio. – Ild comenta em voz baixa, mas Armech escuta.

– Se imagina trocas de mercadorias, boas para ambas as partes, imaginou direito, elfo! – A pantera se vira para Zadar. – É sempre um prazer fazer justos negócios em sua cidade. Até uma próxima visita.

– Até mais, meu amigo! As portas do Lago Ardente estão abertas para você.

Abrindo caminho entre o grupo, aquela pantera humanoide vai caminhando como um felino, quase rebolando, deixando a mansão de Zadar.

- Bem, vamos a vocês. O que os traz à minha humilde cidade?

- O que nos trás são esses dois. - Ild responde, aponteando para os goblins que lhes haviam conduzido.

- Estamos de passagem outra vez por suas terras. - All Thorn toma a palavra. - E achamos de bom tom lhe pedir permissão para ficar um tempo aqui. Alguns dias.

- Permissão dada! Vocês terão dias aqui? Então poderão me dar informações novas sobre os acontecimentos do Rei Pirata pra cá.

#12 - A Casa de Hóspede

"Meo Cinq é uma cidade de pescadores. Uma cidade pequena e cheia de lendas. A mais interessante delas era a lenda do tritão feiticeiro, que saía do mar para sequestrar quem andava de bobeira pela madrugada. Ele teria olhos cruéis, lançava uma magia que paralisava a presa e a levava embora. Tinha preferência por mulheres jovens e por crianças. Nos mais de dez anos que eu morei por lá, só três vezes soube de alguém ter sumido e as pessoas terem botado a culpa no Jordan, que é como chamavam esse tritão. A primeira foi a Tialla, uma beata jovem que era fã do paladino Turidan. Simplesmente sumiu, mas eu acho que foi se tornar aventureira. A outra foi uma efana chamada Ue'Drea, que vivia arrumando encrenca no bar, mesmo sendo bem nova. O último foi um menino que esqueci o nome. Os pais moravam de frente pro mar."

Zadar encaminhou o grupo para uma de suas casas, à disposição como um quarto de hotel. Ficava a dez minutos da mansão de onde comandava a cidade. Ofereceu uma cozinheira da sua equipe, que foi quem conduziu o grupo até a casa, com os mantimentos sendo levados pelos mais fortes do grupo.

De frente para a estrada e, além dela, outra casa vazia, o lugar tinha uma janela de duas partes e uma porta feitos de pedra

pomes cerradas em blocos de tamanho padrão, encaixados em armações metálicas. A chave era o broche de prata trazido pela goblin Lanka, apesar de seu manuseio lembrar mais um arrombamento do que abertura.

– Bem-vindos ao novo lar de vocês. – A goblin fala, com a porta aberta. – Aqui tem três quartos, cada um com três camas. Essa casa é boa! Tem quarto de banho! A cozinha fica lá no final, levem as coisas pra lá. Vou separar os lençóis e preparar a comida. Vocês se dividam como quiserem nos dois quartos, o terceiro é meu.

– Doninha, pequena... Senhora, senhorita... – Haseid tenta se comunicar, com a bacia de grãos ainda nas mãos. – A senhorita disse que cada quarto tem três camas, mas somos sete, sem contar o cavalo. As camas podem ser movidas? Tem espaço nos quartos pra pormos mais camas?

– Certo. Tudo bem. – Ela olha pra cada um do grupo e conclui. – O gnomo pode dormir no meu quarto, com a elfa no meio, se os dois garantirem que não vão me atacar de noite.

– Claro. Não se preocupe. Ele é um gnomo respeitoso e responsável. – Sharon responde pelos dois. – Passei mais de um ano dividindo um quarto com ele e posso garantir.

– Muito bem, então. Os dois elfos dormem aqui. – Aponta pra um quarto enquanto caminha pelo corredor. – Os outros

três aqui. Mas antes, venham trazer minhas coisas pra cozinha. Você e você podem ir se arrumando aqui, que vai ser nosso quarto.

– Meio mandona ela, né? – Ild comenta com Ezelius.

– Pra compensar as fraquezas, ela tem que se impor.

– Pode crer.

Até por não ter opção melhor, o grupo termina fazendo como a goblin determinou. Mais tarde estão todos na cozinha, diante da mesa cheia de comida.

– Arroz!? Vocês tem arroz aqui embaixo!? – Ild se espanta.

– Importado. O rei traz para uso pessoal, é bem caro, então aproveitem.

– E essa carne é o quê? – Haseid pergunta, já mastigando aquela carne cozida.

– Lagarto. Um que a gente cria pra abate.

– Entendi. Tá muito bom! Da outra vez que a gente veio tinha isso não. Vocês comem bem mesmo aqui!

– Quer saber o que eu acho? – Lanka contorce sua cara esperando uma resposta.

– Sim, diz.

– Zadar está tentando agradar vocês, não sei porque.

– É provável. – Sharon fala também. – Ele ficou preocupado com o que a gente pensaria do fato de ele ser amigo da pantera.

Por falar nisso, All Thorn, a reunião de vocês já está marcada?

– Está sim. Amanhã logo cedo.

– Eu vou lá também. Ild? Vai? Vou procurar o alquimista da corte, o Grog, e ver o que dá pra aprender com ele.

– Vou não. Vou aproveitar o tempo para meditar, você sabe, melhorar minha força interior.

– E vocês? Já tem planos?

– Encher a cara?! – Haseid fala e Wolfgar concorda.

– Se eu puder ir, quero ir também. – Neriom diz e completa. – Se não for atrapalhar.

– Claro, pode vir sim com a gente.

– Acho que vocês vão mudar de ideia. – Ezelius fala de repente, olhando para Haseid.

– Como assim, feiticeiro? – Wolfgar questiona, incomodado pelo jeito como o colega falou.

– Vocês estão esquecendo algumas coisas, ou talvez nem tenham notado. Primeiro, por que a pantera é amiga do rei?

– E eu é que sei?!

– Interesse, seu anão! Interesse! O rei Zadar tem um cofre mágico e faz negociações com avalista mágico. Por isso essa pantera vem pra essa cidade!

– Acho que sei onde você quer chegar, mas continue.

– O paladino tem agenda com o rei. O rei está preocupado com a reação da gente

por tê-lo visto com a pantera. Percebem? É uma grande chance pra gente! Podemos pedir uma visita ao cofre e ver o que tem lá dentro! De repente tem alguma coisa bacana que podemos comprar!

– Talvez seja mesmo uma boa ideia. – Sharon reage às palavras de Ezelius.

– Pensando em esvaziar o cofre, Sharon? – Haseid pergunta, dando uma piscada.

– De maneira alguma. "Quem rouba anfitrião é o pior tipo de ladrão." Além do mais, nem que eu quisesse. Você viu na chegada o nível de magia de segurança a que Zadar tem acesso.

– Isso é verdade.

– Bem, então está decidido. – All Thorn conclui. – Amanhã vamos todos à mansão!

#13 - Nova Visita

"É engraçado esse povo que não entende e acha que só tem pirata no mar. Eu era um pirata do deserto, já disse! Mas tem pirata dos túneis também. Lá no mar de lava a gente não ouve falar muito, mas também deve ter pirata por ali. Ainda digo mais: onde quer que o pessoal invente de fazer rota comercial, vai ter pirata sim! Tem pirata sem rota, imagina com uma rota servindo de motivação! No dia que inventarem uma rota levando riqueza pelo céu, vai ter pirata voando. Aposto que vai trabalhar em parceria com dragões até. Pior que nem perguntei pra doidinha se tinha pirata no fundo do mar também. A sereia que eu namorei uma época. Qual era mesmo o nome dela..."

A goblin desperta e vê o teto rochoso sobre sua cabeça. Enxuga a baba no lençol e se senta, esfregando os olhos. Do lado, ela vê Sharon sentada, escrevendo em um pequeno livro.

- Já está acordada, elfa?

- Já. - Sharon responde e vira a cabeça na outra direção. - Neriom ainda está dormindo.

Lanka se estica um pouco pra ver o gnomo. Está deitado de lado, de costas para elas, abraçado com seu chapéu branco.

– É, parece que está. Tá escrevendo o quê?

– Eu gosto de fazer registros das nossas aventuras.

– Entendi. – Ela se levanta e alonga as costas. – Nunca gostei de fazer essas coisas.

– Que coisas?

– Registrar o que acontece. Vou preparar a comida de vocês. Pode registar o que quiser aí que eu aviso quando estiver pronta.

No outro quarto, quem acorda é Wolfgar. Senta-se e passa a palma da mão com força na própria cara. All Thorn e Haseid, seus colegas de quarto, ainda estão dormindo.

Ele coça a cabeça, lamentando não ter bebido na noite anterior e decidido a não repetir esse erro hoje. Afinal, a visita ao tal cofre não deve levar tanto tempo assim, a ponto de adentrar a noite.

Ele se põe de pé e sai do quarto. Olha pra trás e confere que os outros ainda estão dormindo.

– Bom dia. – Ouve a voz da goblin, que saía também do outro quarto.

– Rum. – É só o que consegue dizer em resposta, lembrando-se de como ela tratou todos no dia anterior.

Os dois seguem para além da cozinha. Lanka entra no quartinho do banheiro e avisa.

– Espere sua vez. Saio já. – Sem obter resposta, ela continua. – Eu tenho que ir

primeiro porque sou eu que vou fazer a comida. Se quiser tomar banho, o quarto é aquele.

Após ouvir o som do balde sendo despejado no esgoto, Wolfgar a vê saindo, olhando-o de forma estranha e voltando para a cozinha. Ele dá de ombros e vai aproveitar a sua vez.

Quando o anão sai, os outros já estão ali esperando. Toda aquela rotina comum para pessoas normais, não aventureiros, se segue. Eles comem, se preparam e partem. Lanka se oferece para ir com eles, para garantir que não irão se perder na cidade. E logo eles estão de volta à entrada da mansão de onde Zadar governa a cidade.

– Quem são esses? – Ild pergunta a Lanka, apontando para as estátuas.

– Ah, são heróis goblins. Morvan e Zadar.

– Zadar!?

– Eu mesmo. – O próprio rei responde, à porta. Os dois guardas lhe saúdam. – Eu já fui jovem também, sabia? Então, Lanka, tudo certo?

– Tudo. Estão alimentados e felizes como prometi.

– Ótimo, ótimo... Podemos entrar.

– Vossa alteza é mesmo uma liderança interessante. – All Thorn comenta. – É difícil ver tanta humildade ao lidar com vassalos.

– Vassalos? Não, não... Lanka é minha prima querida.

– Ué, pensei que era só sua cozinheira. – Ild fala, surpreso.

– Ela é a cozinheira hoje em dia, mas ela tem história. Já foi até deputada em Jorneik.

– Tá bem...

– Mas vamos lá. Temos assuntos a tratar. Eu ouvi relatos sobre a queda de Grugbar e queria saber mais. Parece que vocês estavam juntos com um espadachim e outro anão. Do espadachim eu já sei, mas quem era o outro anão e por que ficou na ilha?

– O "outro anão" era o Malleck, novo rei do Porto do Rei Pirata. – Wolfgar responde.

– Entendi. E quem eram os irmãos de vocês, que trabalhavam pra Grugbar?

– Perdão. Irmãos? – All Thorn pergunta, confuso.

– Sim, sim, irmãos. Ou... Você é All Thorn, não é?

– Claro que sou.

– Pensei que sim, que só havia pintado o cabelo, mas agora me ocorreu que eu poderia estar enganado.

– Ele está falando das cópias! – Ezelius fala, impaciente, acariciando o Corisco.

– Ah, perdão majestade. Grugbar conseguiu produzir réplicas nossas, acredito que esteja falando disso.

Zadar encara o paladino, franzindo a testa.

– Você não é uma dessas réplicas, é?

– Não sou. Mas sou um pouco. Quer dizer, é um pouco confuso.

– Ah, você chegou! – Zadar fala, animado, para uma goblin que se aproxima com uma pesada mochila nas costas.

– Desculpe pela demora. – Ela responde e os outros goblins que a acompanhavam param à entrada.

– A conversa está boa, mas tenho que acompanhar Iafa. Podemos continuar mais tarde? Ela vem de longe, do reino de Labirinto.

– Kadeubanjo! – A visitante complementa com o nome da cidade.

O grupo se olha surpreso e Zadar continua.

– A menos que queiram nos acompanhar e conversar no caminho. Estamos indo ao cofre.

#14 - O Cofre Mágico

"Que droga de nome é Illeide?! Você sabe como elfos são vistos muitas vezes por outros povos. Como um bande de frescos naturebas. Nosso grupo não tem elfos muito comuns não. O Ezelius é meio doido. O Bran dá medo, apesar de ser meu irmão. E a Sharon às vezes parece um anão preso num corpo de uma elfa. Eu sou monge e tenho o corpo trabalhado para o combate. Sei lutar sem armas contra quem usa armas. Só que esse nome Illeide pareceu que o Haseid estava zombando de mim. <Ild é uma lady>, é o que parecia. Eu devia ter deixado quieto, mas não aguentei e fui tirar satisfação. Ele disse que era a junção do nome dele com o da Illifheia. Uma homenagem meio idiota, vamos combinar, mas não tinha nada a ver comigo. Nunca mais ele chamou a pantera disso. Devia escolher outro nome."

A comitiva andou por cerca de dez minutos subindo a ladeira. Então, viram para o lado interno da cidade, onde havia uma casa aparentemente normal. Passando pela porta, rapidamente os que não haviam visitado antes perceberam como as aparências podem enganar.

Dois enormes balcões de pedra faziam um corredor da porta de entrada até o interior do prédio. Uma soldado oganter observava tudo com uma espada estranha na

mão. Curta e pesada. Três goblins besteiros ficavam de cada lado, protegidos por pequenos muros.

– Chefia. – A oganter cumprimenta Zadar, sem relaxar o corpo, ainda de prontidão.

– Vamos até o cofre, Caxerina. Não precisa nos acompanhar.

Ela responde à pequena e nobre criatura com um aceno de cabeça e permanece olhando todos com atenção.

Haseid, ao passar, dá uma piscada para a guerreira, que olha de volta confusa.

Ao fim do corredor, uma porta com um buraco do tamanho da boca de um pequeno jarro. Zadar prontamente coloca a mão dentro.

– É um dispositivo de reconhecimento!? – Ild pergunta, espantado.

– É, sim senhor.

– E o que acontece se uma pessoa não autorizada botar a mão aí?

– Nem queira saber. – Zadar responde e retira a mão, pois a pedra enorme, cortada como uma porta espessa, já havia terminado seu deslizamento para abrir passagem.

Logo na entrada, havia uma grande mesa para dez lugares. No meio, dividindo-a em dois retângulos quase quadrados, uma linha de ouro em placa com espessura de um dedo. A mesa era baixa e tinha dois goblins sentados perto dela. Neriom corre para perto, olhando

com atenção para a linha de ouro. Parecia mesmo ser de ouro, como uma fita de roupa deitada sobre a mesa, mas neste caso fazendo parte dela.

– Eu chamo de Avalista. – Zadar fala, aproximando-se da mesa e sendo seguido pelos demais. Os dois goblins se levantam rápido em respeito ao líder. – É uma mesa mágica, que equilibra valor de qualquer coisa. Podem usar aquelas estantes para deixar seus pertences.

O grupo se olha, estranhando o pedido. Iafa, por outro lado, já se aproxima de Zadar sem a mochila.

– Erin, traz o caderno. – Zadar fala com um dos goblins que já estavam presentes e se vira para All Thorn. – Deixem suas coisas naquela estante. O que for importante demais pra vocês deixarem lá, Erin vai anotar no caderno.

O grupo concorda e assim faz.

Logo que passam a curva, eles veem, maravilhados, várias estantes com objetos atrativos.

– Parece um tesouro de dragão! – Neriom deixa escapar.

– E tu já viu tesouro de dragão? – Ezelius pergunta.

– Não, mas deve ser isso.

Eles passam entre as estantes, boquiabertos.

– Olha! Tem cajados mágicos! – Neriom

aponta para uma prateleira onde se vê alguns cajados enfileirados. A maioria deles é de madeira, mas com um acabamento atencioso, com belos detalhes esculpidos. Alguns trazem uma parte metálica.

– Olha esse. – Zadar entrega ao gnomo um cajado de um tom escuro de verde. A parte de baixo é rústica, mas a de cima ganha uns detalhes bonitos. Encurvado, traz uma árvore finamente esculpida.

– Kreskajia! É o símbolo da deusa!

– É sim.

– Gostei dessas faixas. – Iafa diz, segurando com delicadeza duas faixas de pano estreitas, de cerca de um metro cada.

– Isso é faixa de punhos, você sabe, não é? – Zadar se aproxima da convidada.

– Sei sim. – Ela responde, sorrindo.

Neriom permanece segurando o cajado com admiração.

– Olha esse! Combina mais com você. – Ezelius lhe entrega outro cajado. Esse formado por duas partes, como duas barras de meio-cajado fundidas em uma só peça. Uma parte preta e outra branca. Neriom franze a testa e o pega, após recolocar o anterior na prateleira com cuidado.

Verifica a empunhadura e não vê nenhuma marca. Todo o cajado é perfeitamente cortado, mas sem detalhe algum esculpido.

– Mas o outro é da Kreskajia!

- E esse não é de deus nenhum. - Ezelius dá uma piscadela. Após uns segundos sem reação do gnomo, ele completa. - Você que sabe, mas ainda acho que esse combina mais com você.

Neriom olha para ele confuso.

- Tanto faz um ou o outro, deve ser caro. Não tenho dinheiro para isso.

- Fale com All Thorn e com a Sharon! Tenho certeza de que dão um jeito.

- Será? Eu mereço um assim?

- Você já é parte do grupo, Neriom. Um bom equipamento na sua mão não seria bom só pra você, mas pra todos nós!

Continua...

Um cordel do absurdo que mistura Senhor dos Anéis com Aranhaverso. 2ª edição
Estreando o formato Print

O mundo de aventura das Sementes do Mundo Inferior chega à sua 3ª versão. Para o sistema de RPG XR-III, mas facilmente adaptável.
E-book gratuito no DrivethruRPG

Um pequeno cordel questionando a função de um sindicato. Uma crítica a diretorias que assumem um sindicato sem responsabilidade.
Grátis

Club Cordéis é um clube de patronato em apoio às criações de **Cárlisson Bardo**. Colaboradores recebem recompensas mensais e participam de um grupo fechado no **Whatsapp**, onde podem, entre outras coisas, votar nos próximos lançamentos.
https://link.cordeis.com/club

O **eCordel** é um conjunto de canais de distribuição e divulgação de Literatura de Cordel, fantasia especulativa e RPG. Basta se inscrever e ficar por dentro das novidades. Presente no **Whatsapp**, **Telegram** e **Matrix**.

Você pode acompanhar **As Sementes do Mundo Inferior** pelo eCordel ou ver todos os episódios no link do projeto. Links para os canais **eCordel** também estão aqui:
https://link.cordeis.com/sementes

Acompanhe as novidades do Bardo em
https://blog.cordeis.com/
ou na rede social de microblog **Mastodon**, no endereço:
https://cuscuz.in/@bardo